

## **Aluno não aprende porque a escola é ruim**

*Durval Guimarães*

*Para o educador, Brasil nunca teve bons modelos de educação; a herança portuguesa é lamentável e a sociedade nunca conviveu de forma regular e sistematicamente com gente bem-educada*

Mestre em Educação pela Universidade de Yale e doutor em economia por Berkeley, ambas nos Estados Unidos, o professor Cláudio de Moura Castro é um dos mais consagrados especialistas brasileiros no setor educacional, com mais de 60 livros publicados sobre o tema. Os primeiros contatos para esta entrevista com Moura Castro ocorreram quando estava em El Salvador, onde participava do seminário Interamerican Dialogue para discutir resultados de pesquisas sobre o desempenho dos professores na América Latina. A conversa terminou quando ele estava na Índia, num encontro promovido pela Organização da Nações Unidas. "Com um terço de analfabetos, a Índia tem também institutos de tecnologia no nível dos melhores do mundo", observou Moura Castro.

Gazeta Mercantil — Levantamento da Confederação Nacional da Indústria, no universo de 7,8 milhões de trabalhadores no setor industrial, mostra que 61% não têm educação básica. O que é possível fazer para modificar essa estatística?

Essa é uma estatística de estoque. Reflete o passado e o que não se fez. Um operário que não encontrou vagas na escola há meio século aparece na estatística, puxando a média para baixo. Só podemos agir sobre as novas gerações. Com a expansão da matrícula, a geração de 20 a 25 anos está muito melhor. Mas ainda não é suficiente. É preciso avançar muito mais agressivamente na expansão das matrículas, das conclusões e da qualidade.

GZM — Apesar de o País conseguir matricular todas as suas crianças na escola, só 50% chegam à 8.ª série. A maioria não consegue entender o que lê e não domina as operações básicas. Por que isso ocorre?

A explicação mais simples é que o aluno não aprende porque a escola é muito ruim. Há uma longa lista de problemas. O lado bom é que são hoje bem conhecidos e, dentre os educadores com os pés no chão, há amplo consenso a respeito deles e das curas apropriadas.

GZM — O senhor acredita que o ensino público tem melhorado no Brasil?

Nos últimos 15 anos, houve uma expansão vertiginosa nas matrículas e conclusões, em todos os níveis. Ao mesmo tempo, o Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica) mostrou que não houve queda significativa no aprendizado dos alunos. Como as novas clientelas que entraram na escola nesse período são academicamente mais fracas, é razoável supor que os resultados não caíram por conta dos inúmeros aperfeiçoamentos que foram introduzidos nesse período.

GZM — O senhor considera que os investimentos em educação estão adequados ou seria possível alcançar melhores resultados com eles?

Estamos próximos à média mundial. E há países gastando muito menos e conseguindo melhores resultados (China, Uruguai).

Mas, com uma demografia ainda bastante jovem, devêramos gastar bem mais no fundamental, sobretudo, porque temos que recuperar o tempo perdido. Por outro lado, se já estamos gastando bastante e conseguindo pouco, é duvidoso se vale a pena jogar mais dinheiro no sistema sem assegurar-se de que será mais bem gasto.

GZM — Em muitos estados é grande o percentual de professores com nível superior em educação. Eles estão bem preparados?

São quase sempre muito mal preparados. Cursam faculdades de Pedagogia que consideram mais importante "desenvolver a identidade do professor" do que ensinar os conteúdos necessários e ensinar a dar aula.

GZM — Em Minas, o governo adquiriu 32 mil vagas em escolas técnicas privadas para oferecer a alunos da escola pública Como o senhor vê esse tipo de iniciativa?

Nisso tudo, o mais fundamental é o realismo da Secretaria de Educação, ao se dar conta de que ensino técnico requer uma coleção de pré-condições que uma secretaria não tem e não poderá ter. Terceirizar para quem sabe fazer e tem condições institucionais de criar o ambiente apropriado é uma idéia que todas as secretarias deveriam imitar.

GZM — Em muitos estados é grande o número de professores que não comparecem ao trabalho, escondidos sob a proteção de licenças para tratamento de saúde. Em Minas Gerais, às vezes, contratam-se quatro professores para conduzir uma única turma. É possível a educação funcionar no regime estatutário e gerenciar professores protegidos por esse sistema?

Estamos diante de um processo político. Os sindicatos são dominados ou fortemente influenciados pelo "baixo clero" que é solidário ou conivente com tais irresponsabilidades. Para mudar as leis e regulamentos, é preciso um processo político em que a sociedade rechace fortemente tais práticas e se apresente firme no cenário político para apoiar uma transformação.

GZM — A seleção técnica de diretores de escolas públicas apresentou resultados ou as Indicações devem ser administrativas ou apenas por eleição direta?

Uma pesquisa recente do Inep (Instituto Nacional de Estudos Educacionais Anísio Teixeira) mostrou que, dentre as alternativas adotadas no Brasil, a melhor é o processo sequencial de dar um exame aos candidatos a diretor e depois, deixar que, dentre os melhores, haja uma eleição pela comunidade de pais e professores.

GZM — É possível acompanhar o desempenho de uma escola pública e tentar melhorá-lo?

Com a Prova Brasil e com o Ideb (índice de Desenvolvimento da Educação. Básica), isso já está sendo feito. Se a comunidade e o meio empresarial acompanhar de perto o que está acontecendo, via Ideb, poderá cobrar resultados. Vivemos um momento único na educação brasileira. Hoje, qualquer pai que tenha acesso algum dia ao site do Inep pode conhecer como está a escola do seu filho. Há um papel interessante para as ONGs de dar maior disseminação a esse resultados.

GZM — Como o senhor vê" o atuo! paradoxo apresentado pelas indústrias, que se queixam da falta de mão-de-obra especializada para preencher as vagas, mas ao mesmo tempo o Brasil apresenta um grande número de desempregados.

O número de desempregados com alta escolaridade é mínimo. Além disso, para muitas ocupações não basta escolaridade. É preciso formação profissional. Se um PLD em engenharia resolvesse virar soldador, precisaria gastar 500 horas queimando eletrodo para poder pleitear um emprego na Petrobrás.

GZM — O senhor acha que o ensino público deve ser oferecido apenas por escolas públicas ou pode ser oferecido em escolas privadas, por meio de aquisição de vagas? Isso seria eficiente? Todas as alternativas devem ser tentadas, sem preconceito e buscando conhecer melhor os resultados. Em particular, uma política de enviar os alunos mais talentosos para melhores escolas privadas é muito atraente, pois seu brilho será totalmente aniquilado se permanecerem na mediocridade das escolas públicas. No ensino superior, os custos do ensino privado são muito inferiores, da ordem de um terço do que custa uma universidade pública. Programas como o Pro-Uni economizam recursos públicos, ao criar bolsas para os alunos melhores e mais pobres do ensino público.

GZM — Muitas ONGs têm recebido verbas do governo para trabalhar em educação. Em alguns casos os recursos são desviados para fins políticos. O que o senhor pensa dessa experiência?

O maior erro é generalizar qualquer coisa sobre ONGs. Como são instituições soltas, sem nenhuma controle externo (e é assim que devem ser), podemos esperar de tudo. Mas, obviamente, o governo teria que ser muito mais seletivo na escolha das que vai financiar, para ^ evitar o que está acontecendo. Em particular, as escolhas políticas são inaceitáveis.

GZM — Por que é difícil para o Brasil acompanhar os melhores exemplos de educação pública que ocorrem no mundo?

Não temos e nunca tivemos bons modelos. Nossa educação é herdeira da portuguesa, que é lamentável. Nossa sociedade nunca conviveu de forma regular e sistematicamente com gente bem-educada. Só um punhadinho no meio de elites toscas tinha boa educação - e aliás, nem tão boa. Portanto, não há uma percepção clara acerca da necessidade de ter uma educação de qualidade. Pode-se ver isso pelo descaso dos pais pela qualidade da educação que seus filhos estão obtendo e a falta de compromisso de seu próprio tempo para assegurar-se de que estão se dedicando aos estudos.

GZM — O senhor acredita que os computadores e a Internet possam melhorar o ensino público no Brasil?

Todas as pesquisas bem-feitas e conhecidas mostram uma ligação tênue ou inexistente entre computadores na escola e nível de aprendizado dos alunos. Na escola pública, a importância dos computadores é preparar os alunos mais pobres para usar uma ferramenta que seus colegas mais ricos já aprenderam a usar.

**Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 12 maio 2008, Lição de Casa 6, p. C2**

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais.